

A preto e branco

Nunca como hoje a realidade esteve tão a preto e branco. Este *nunca* tem naturalmente como limite a minha memória histórica. É claro que o cinzento não partiu para o exílio. Mas o facto é que a evolução política nos últimos anos conduziu o País a dois pólos: Os das políticas de austeridade, neoliberais e partidários das doutrinas do choque, e os das políticas alternativas e de esquerda. Preparamo-nos pois para um eventual governo a três (PSD-PS-CDS) e duas oposições que por força das circunstâncias serão ainda mais convergentes na AR na próxima legislatura (Bloco e PCP).

Mas a sociedade portuguesa viveu também um momento original no passado dia 12 de Março. O descontentamento demonstrado teve vários alvos e sendo impossível responder a todos os descontentamentos temos a obrigação de encontrar respostas para alguns deles. A questão que está colocada ao Bloco neste momento é se quer simplesmente cavalgar o descontentamento demonstrado, como até aqui, ou, por outro lado, reconhece a necessidade de apresentar uma resposta diferente. É para mim claro que deve procurar uma resposta nova que convença os que se manifestaram a 12 de Março que existe aqui um espaço para lhes responder e os representar institucionalmente. Naturalmente que essa resposta será também convincente para muitos dos eleitores que consecutivamente se abstêm dos actos eleitorais e se sentem afastados da Política.

Se nos distanciarmos um pouco vemos fenómenos de descontentamento um pouco por todo o lado. Infelizmente a esquerda não tem sabido dialogar com esse descontentamento porque não tem tido a capacidade de encontrar uma resposta nova, politicamente tangível, para as pessoas. Só assim se compreendem fenómenos como o Tea Party e a extrema-direita nacionalista e xenófoba a crescer na generalidade dos países europeus. A esquerda tem de saber encontrar novas respostas em torno dos Serviços Públicos e do Estado Social, aprofundando a Democracia e fazendo as pessoas sentirem-se representadas. Dando-lhes a confiança de que a sua participação é relevante e pode ser alargada para além dos momentos eleitorais.

Nas próximas eleições o que se pedirá aos eleitores é que escolham entre Passos Coelho e Sócrates. O programa de governo será o mesmo e será ditado pelo FMI ou pelo Fundo da Senhora Merkel. A dúvida é quem será o Primeiro-Ministro e não o que irá fazer.

Existem, no entanto, outras questões em jogo nas próximas eleições. Uma das quais é de extrema importância para o povo da esquerda e em particular para o Bloco: Qual vai ser o resultado obtido pelas esquerdas que têm protagonizado as respostas alternativas à crise e à austeridade?

A resposta à preocupação subjacente a esta questão pode ter contornos diversos. Já não é questionável que o crescimento de um se faz à custa do

decréscimo do outro, pelo contrário, os sucessivos resultados eleitorais demonstram que concorrem a eleitorados diferentes. O que não quer dizer que uma aliança consiga somar votos à soma das partes, mas uma aliança eleitoral está por variadíssimas razões fora de questão. Por enquanto não passa de um horizonte de trabalho e onde há muito caminho a percorrer. É necessário mais trabalho de convergência e amadurecimento de ambos os partidos. Mas a soma dos deputados que conseguirem eleger é uma questão importante. Nas últimas legislativas Bloco e PCP conseguiram eleger 31 deputados com 17,67% dos votos. Como se sairão desta vez? Como combaterão a pressão do voto útil e o papão da chegada da direita mais liberal e privatizante desde o 25 de Abril ao poder?

E abrindo um parênteses internacional. Já alguém se perguntou como é que os Verdes alemães conseguiram ganhar as eleições em Baden-Württemberg? É certo que os temas de campanha terão sido muito importantes e entre eles a questão do nuclear, mas sem a credibilidade e experiência obtidas por terem estado no Governo da Alemanha com o SPD provavelmente seria o SPD a liderar o Governo Regional.

Nesta eleição a preto e branco teremos de saber encontrar a convergência possível com o PCP (e eventualmente com o candidato do PTP no círculo da Madeira). Temos de dizer ao País que existe uma política diferente e que apesar das diferenças que temos, nos comprometemos, em conjunto, a participar num governo que queira romper com as políticas de austeridade e recessivas. Que promova o emprego, o crescimento económico e o estado social, garantindo serviços públicos de qualidade que não ponham em causa a já de si diminuta igualdade de oportunidades. Um entendimento com este propósito que represente 20% do País não é uma coisa de somenos. É pelo contrário, uma responsabilidade e uma obrigação de ajudar a criar a Esquerda Grande que seja capaz de mudar o nosso País.

João Almeida (30/03/2011)